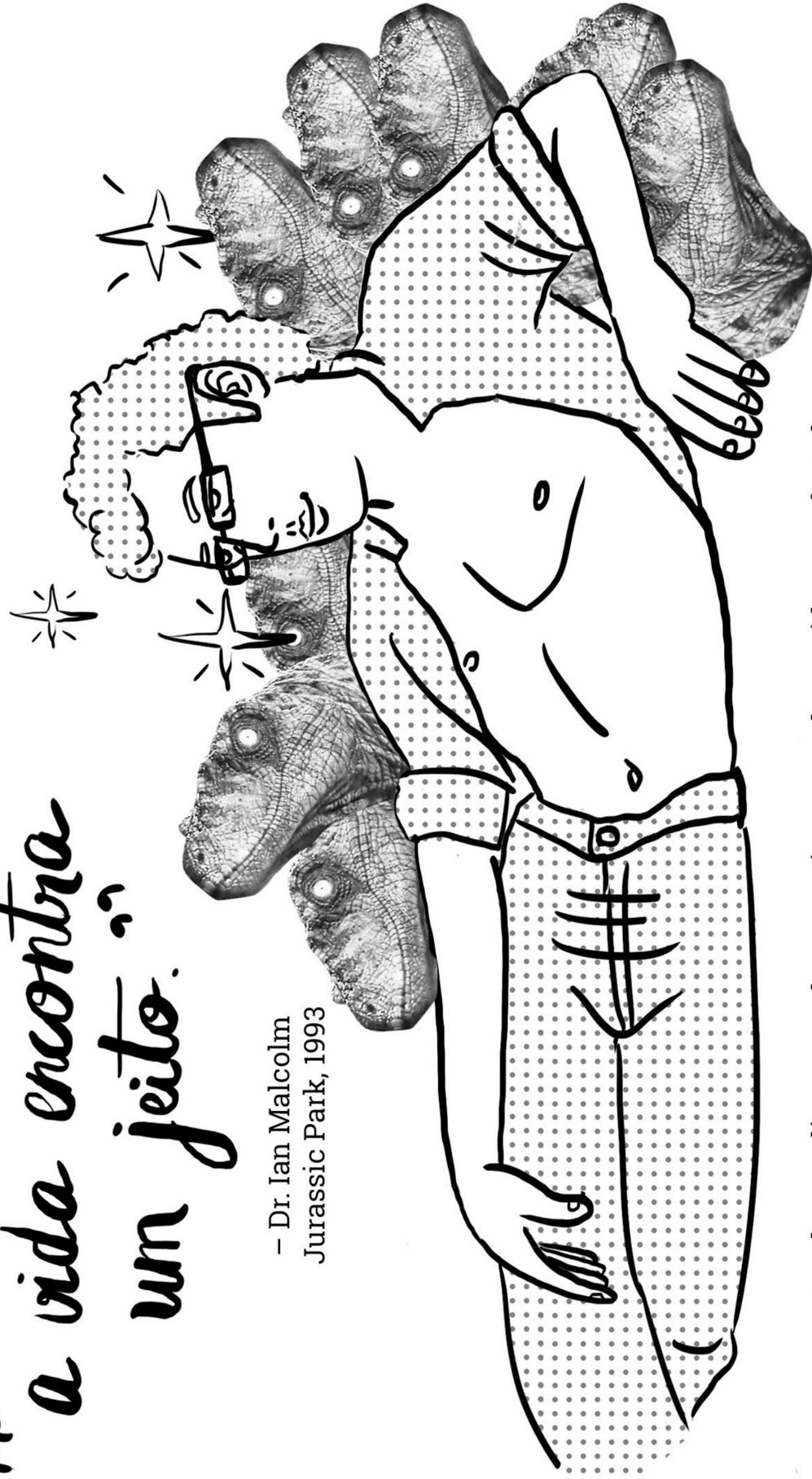


*“a vida encontra  
um jeito.”*

- Dr. Ian Malcolm  
Jurassic Park, 1993



Lembre-se disso quando se sentir sem saída na vida, quando tudo parecer sem solução, ou quando achar que tudo bem clonar dinossauros usando DNA de rã, que eles não vão achar um jeito de se reproduzir sem controle não, imagina.

## **você é o que você repete**

**O**s cadernos de caligrafia que tínhamos na escola que o digam. Neles, repetíamos a escrita da mesma frase dez vezes, vinte se necessário, até que a curva do éfe ou a voltinha do gê se adequassem à caligrafia do exemplo; até que nosso traço incerto enfim se encaixasse nas linhas-guia.

A prática faz a perfeição, não? Dizem. Por isso a importância de repetir o trabalho braçal de copiar tantas vezes o mesmo conteúdo, de cuidar para não vazar as margens, de andar dentro das linhas-guia, de seguir o padrão; adequar-se.

Ei, precisaríamos disso mais tarde, e não podemos reclamar de falta de treinamento nesse sentido: estavam nos preparando para a repetição exaustiva e mecânica de atividades que mantêm as coisas funcionando como sempre foram. Para que continuassem assim.

Quem diria que todos aqueles anos aprendendo a suportar longas horas com a bunda na cadeira, fazendo tarefas tediosas sem sentido e obedecendo professores com todo o poder de dizer quem estava certo ou errado, nos tornariam esse modelo de cidadão, pessoa resistente às condições de trabalho, plenamente produtiva, obediente?

É possível se acostumar a qualquer coisa que se repita com frequência o suficiente para deixar de ser vista como absurda. A primeira vez que vemos mulher pelada para vender piada ruim e desodorante podemos até nos chocar, mas depois da quinta ou sexta vez, bah, nada de mais, normal, o que teremos no jantar hoje?

E se está tudo envolto em tanta repetição, como escaparíamos disso? Apesar de vivermos em tempos em que construímos personagens de nós mesmos, não somos tanto a pessoa que dizemos ou que gostaríamos de ser; **somos aquilo que repetimos diante dos outros.**

Nem é preciso tanto: basta umas três vezes não aparecer num compromisso marcado e você será a pessoa furona, a que dá bolo. Uns quatro papezinhos de personagens doidos no cinema, incluindo o Batman, e você se torna o ator bom de interpretar maluco (sim, Christian Bale, estou olhando para você). Um punhado de jantarzinhos em casa e você se torna a pessoa que cozinha para os amigos. Um par de anos no mesmo emprego e você se torna daquela profissão. Só dizer três vezes Besouro Suco para você ser a pessoa que invoca entidades fantasmagóricas para a dimensão dos vivos.

Somos aquilo que repetimos com mais frequência. Surpresa, surpresa: é aquilo que não conseguimos fazer de outra maneira que assimilamos, que gravamos em nós com a profundidade de uma cicatriz.

**Nem adianta dizer que não, que você não é assim, porque suas repetições te entregam. Todas as vezes.**

Enquanto repetimos as mesmas atitudes, elas se mantêm solidificadas feito concreto e nós permanecemos endurecidas ali dentro (tão cômodo repetir o que já é reconhecido; tão confortável ficar no automático).

A boa notícia é que é possível se libertar das repetições que nos desagradam.

Como? Encontrando outras repetições. Escolhendo o que queremos repetir. Quer ser pontual? Chegue uma vez no horário; depois duas, três, quatro vezes. A frequência dessa repetição, *voilà*, te tornará alguém pontual.

É difícil começar uma nova repetição; mas, como tudo que se repete, uma hora nos acostumamos. Então basta continuar sendo quem você quer ser. De novo e de novo. Até que, eventualmente, você seja. ■

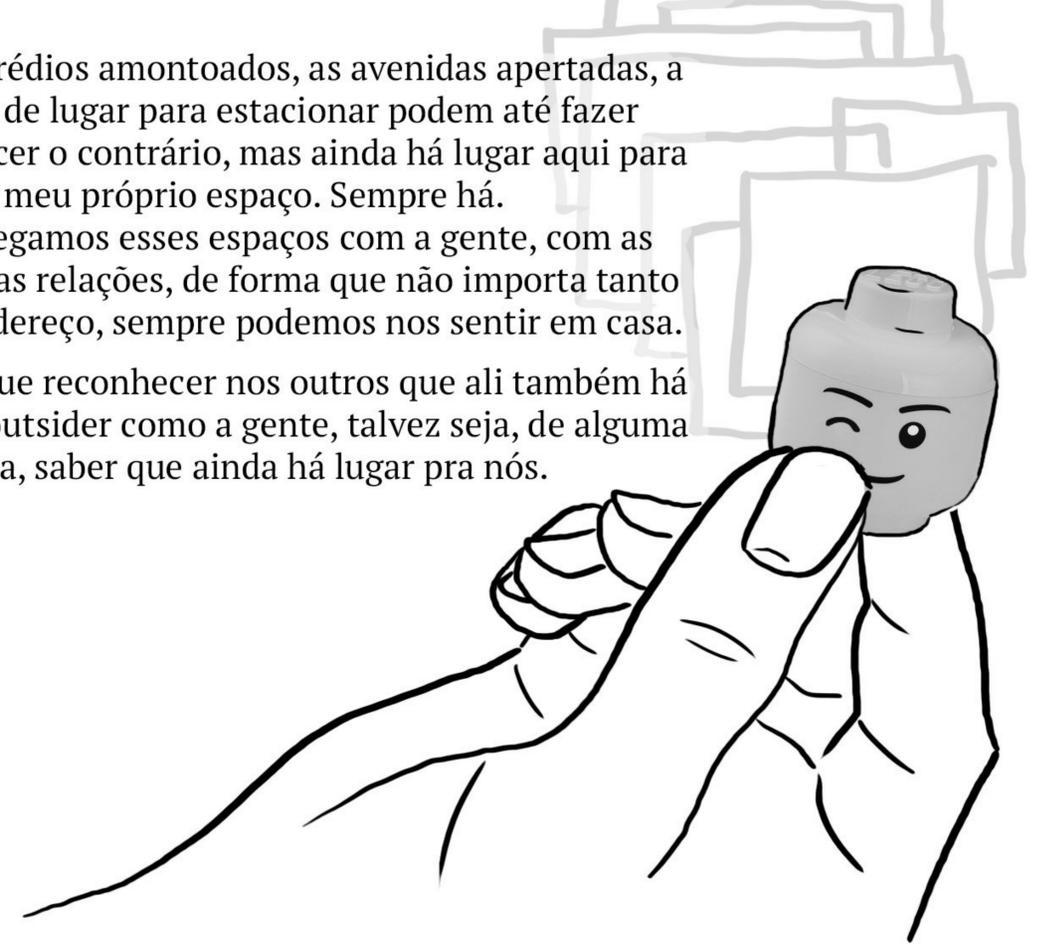
Procurar pertencimento em uma cidade me parece uma busca sem fim, se também não me sentia do lugar de onde vim. Talvez a gente espere demais das cidades, que podem até oferecer teto, trabalho, alguma diversão, sistema de transporte razoavelmente satisfatório ou completamente inviável, dependendo do lugar, mas a sensação de *pertencer*, aí é outra história.

Estamos buscando o tempo inteiro fazer parte de algo, pertencer a um grupo, ter uma identidade validada por esse grupo, e numa cidade grande dessas a probabilidade de encontrar sua *tchurma* é bem maior, na mesma proporção que a probabilidade de rejeição também aumenta.

Mas a cidade, São Paulo ou não, não precisa ser o centro do nosso mundo. Criamos lugares não só com concreto ou demarcações de tinta no chão, mas sobretudo dentro de nós.

Os prédios amontoados, as avenidas apertadas, a falta de lugar para estacionar podem até fazer parecer o contrário, mas ainda há lugar aqui para criar meu próprio espaço. Sempre há. Carregamos esses espaços com a gente, com as nossas relações, de forma que não importa tanto o endereço, sempre podemos nos sentir em casa.

Porque reconhecer nos outros que ali também há um outsider como a gente, talvez seja, de alguma forma, saber que ainda há lugar pra nós.





Tenho amigos – também outsiders – que amam morar em SP. Melhor cidade, melhor clima, muita coisa legal acontecendo, tudo tão acessível.

Outros detestam, gostam de dizer que em nada se compara ao lugar de onde vieram. Insuportável, impossível, enlouquecedor – tanto que alguns deles resolveram sair, arrumar outro lugar para viver.

Meio que concordo com os dois lados; mas não amo, nem odeio. Apenas não pertencço. Imagino se há algum lugar onde eu não vá me sentir assim, uma cidade que me acolha, em que eu me encaixe. Florianópolis? Lençóis, na Bahia (alô, Olivia)? Fora do Brasil?

# ∴ Vida adulta ∴

VOCE VAI PRECISAR:



## Manual de sobrevivência da quinta série

NÃO SE ENGANE! A VIDA ADULTA É UMA GRANDE 5ª SÉRIE. SÓ POR ISSO PASSAMOS PELA 5ª SÉRIE, INCLUSIVE.

## Alcool

PARA SUPORTAR OS OUTROS ADULTOS.



## UM pet

PARA VOCÊ ABRACAR QUANDO O MUNDO ESMAGAR SEUS SONHOS E JUVENTUDE.



## Expressão de quem sabe o que está fazendo

(NÃO SABE)





# Dobrar-se ou QUEBRAR

Achei que não ia conseguir me ajustar, até que um dia, passeando na Paulista com minha irmã, percebi que ela ficava pra trás.



Era o mesmo que eu sentia vindo dos outros: sem tempo para esperar que eu os acompanhasse.



O lugar onde vivemos vai nos moldando e nos invadindo pelas menores frestas, mesmo sem a gente perceber. São Paulo já faz parte da minha identidade, então acho que não tem mais volta.

Não que ser tirada de tempo seja novidade ou um atrativo tão tipicamente paulistano quanto as famosas pizzas. Esse sentimento independe do lugar em que estejamos, acho. Mas, como tudo em São Paulo é o “maior da América Latina”, isso também ficou maior aqui. Mais gente, mais tudo, claro que ia amplificar também meu deslocamento.

Conheci pessoas que me disseram que São Paulo deu a elas a possibilidade de ser quem elas queriam ser. Meu sentimento foi outro: nos pequenos gestos, nas portas fechadas que recebi, nas caras viradas, até em alguns sorrisos gentis, havia aquele sutil:



Tá tudo bem, desencanei de pertencer. Acho até que gosto mais de ser uma outsider, daquele momento em que as pessoas me ouvem falar um par de palavras e já soltam um “você não é daqui, né?”. Ora ora, temos um Sherlock Holmes.

**por Olivia Maia**

Às vezes a gente se pega estudando filosofia por causa de um personagem – tentando entender Hegel pra entender a lógica desse personagem que leu Hegel demais (pra descobrir que *ler Hegel* necessariamente significa ler *demais* Hegel

ou ainda: entender Hegel exige ler demasiado e enfim também pensar como Hegel).

Hegel é aquele alemão da dialética, do mundo em movimento, da fugacidade da história e do ápice da racionalidade humana como objetivo de tudo isso. Diz-se que seu primeiro grande seguidor, um de seus alunos na Universidade de Iena, se abandonou à bebida, impressionado com a fugacidade de todas as coisas. E o que a gente continua fazendo, ainda em pleno século XXI, tentando agarrar o tempo, dominar o futuro?

*O que a experiência e a história ensinam é que os povos e governos até agora jamais aprenderam com a história, muito menos agiram segundo suas lições – isso também foi Hegel quem escreveu. Veja Hitler, que não aprendeu nada com Napoleão e inventou (reinventou) de invadir a Rússia no inverno. Mas, me parece, também a vida de Hegel ensina que tem muitas formas de fazer tudo errado. Quer dizer, às vezes, talvez, aprender com a história não serve de nada.*

A revolução francesa explodiu (é assim que a gente escreve sobre revoluções? elas explodem? revoluções acontecem, começam, terminam?) e em 1790, quando Hegel tinha uns dezoito anos,





entusiasmado com os ideais revolucionários, junto dos amigos Hölderlin e Schelling (o poeta e o filósofo, no caso), plantou uma *árvore da liberdade*. A história é conhecida e diz-se também que dançaram e cantaram em volta da árvore. O mundo estava mudando e a queda da Bastilha era um sinal dos tempos.

Eis o mundo, a História: como as ondas no mar que se formam, estouram, desaparecem, uma atrás da outra. Hegel provavelmente não usaria essa metáfora safada, até porque seus textos usavam uma linguagem tão abstrata que até hoje os acadêmicos quebram cabeças pra entender que cazzo ele queria dizer com tudo aquilo. Mas é que a gente não pode agarrar uma onda (à parte as metonímias surfistas) tanto quanto – escreveu Hegel – não se pode agarrar a essência de algo. Só é possível (e sensato) compreender o movimento propriamente dito, enquanto movimento;

a fugacidade de todas as coisas.

Vê: me meti com tudo isso pra entender um personagem: historiador obcecado, ansioso, deprimido, levemente paranoico e incapaz de aceitar na própria vida as ideias da teoria de Hegel, o que, convenhamos, significa que ele é incapaz de aceitar sua própria obsessão. Ou: incapaz de aceitar a mudança, o movimento, a (uff) superação dialética.

(De que nos serve aprender com a História?)



Perdida virou um estado permanente, não só pela dificuldade de me localizar (ruas com nome, isso não fazia o menor sentido) ou pela impossibilidade de transitar numa cidade tão cheia. Perdida como quem chega no meio de um filme e não entende do que as pessoas estão rindo, nem faz ideia de quem sejam os personagens, pra início de conversa.

Eu conversava com as pessoas daqui e elas falavam sobre coisas das quais eu nunca tinha ouvido falar como se eu já as soubesse, por default.



Mas eu sorria, dava mais um gole na bebida e tentava não ficar pra trás.

Até entendo essa postura de se achar no centro do mundo, como se todo brasileiro necessariamente comesse a cultura e os assuntos paulistas no café-da-manhã: aqui você se sente visto; vim para SP e de repente é como se eu tivesse passado a existir para o resto do Brasil. O doido é, ao mesmo tempo, ficar meio invisível para quem é daqui.

FORA DE

Um Gar

Vir para São Paulo nunca estive nos meus planos. Foi mais um desses episódios em que tive que improvisar para me adaptar à situação da melhor forma possível – como ficar sem par na quadrilha da festa junina da 1ª série e roubar o par da coleguinha no meio da dança (acontece).

Imagine o impacto dessa cidade para uma pessoa como eu, que vim da roça – uma roça desenhada por Lúcio Costa, é verdade, mas não muito além de um Goiás bem diagramado.

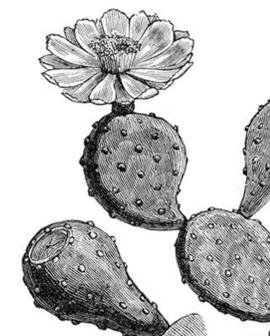
Claro que eu já tinha vindo a SP antes de vir para morar, sabia que era muito diferente do que as pessoas de fora costumam imaginar, aquela metrópole de arranha-céus, barulho, pichação, poluição e um monte de gente falando igualzinho ao Luciano Huck. Certo, é isso também, mas não só.



E afinal Hegel estava certo? *A história mundial não é o lugar de felicidade* – ele escreveu – *nela, os períodos de felicidade são páginas em branco*. Daria, talvez, uma teoria do romance. Quem é que escreve um romance sobre *os dias mais felizes da minha vida* se não houver no meio alguma complicação interessante pra manter o leitor atento?

De tudo isso, afinal, o mais incrível não é a ilegibilidade do filósofo, mas sim que conseguisse manter-se são enquanto o mundo – a Europa do século XIX – dava cambalhotas ao redor. Principalmente porque sua doutrina filosófica afirmava a impossibilidade de apreender a realidade senão como parte de um processo dialético de superação etc – o que significa, de um jeito ou de outro, que não há nada certo e imutável em que podemos apoiar o conhecimento e a razão. Nem mesmo a própria dialética. Quer dizer: se a sua teoria diz que tudo está mudando e nada é certo então até mesmo a sua teoria é incerta. Ops.

Mas você me desculpe. É que não vim aqui pra fingir que entendo Hegel. Queria, na verdade, falar de Hölderlin, o poeta, e de sua loucura, e do abismo que surgiu entre ele e aquele que foi seu grande amigo, com quem havia plantado uma árvore da liberdade pelos ideais da revolução burguesa. Hegel, justo ele, tão progressista em sua teoria do movimento constante da História (ele era o tipo de cara que escreveria história com maiúscula, se em alemão ele já não precisasse escrever TODOS os substantivos com maiúsculas de qualquer forma) fez as vezes do tio rabugento que prega a



necessidade de se amadurecer e abandonar os excessos da juventude: em vista das circunstâncias conservadoras do que era a Alemanha naquele momento, decidiu flexibilizar suas crenças e se adaptar à realidade política como cruelmente se apresentava.

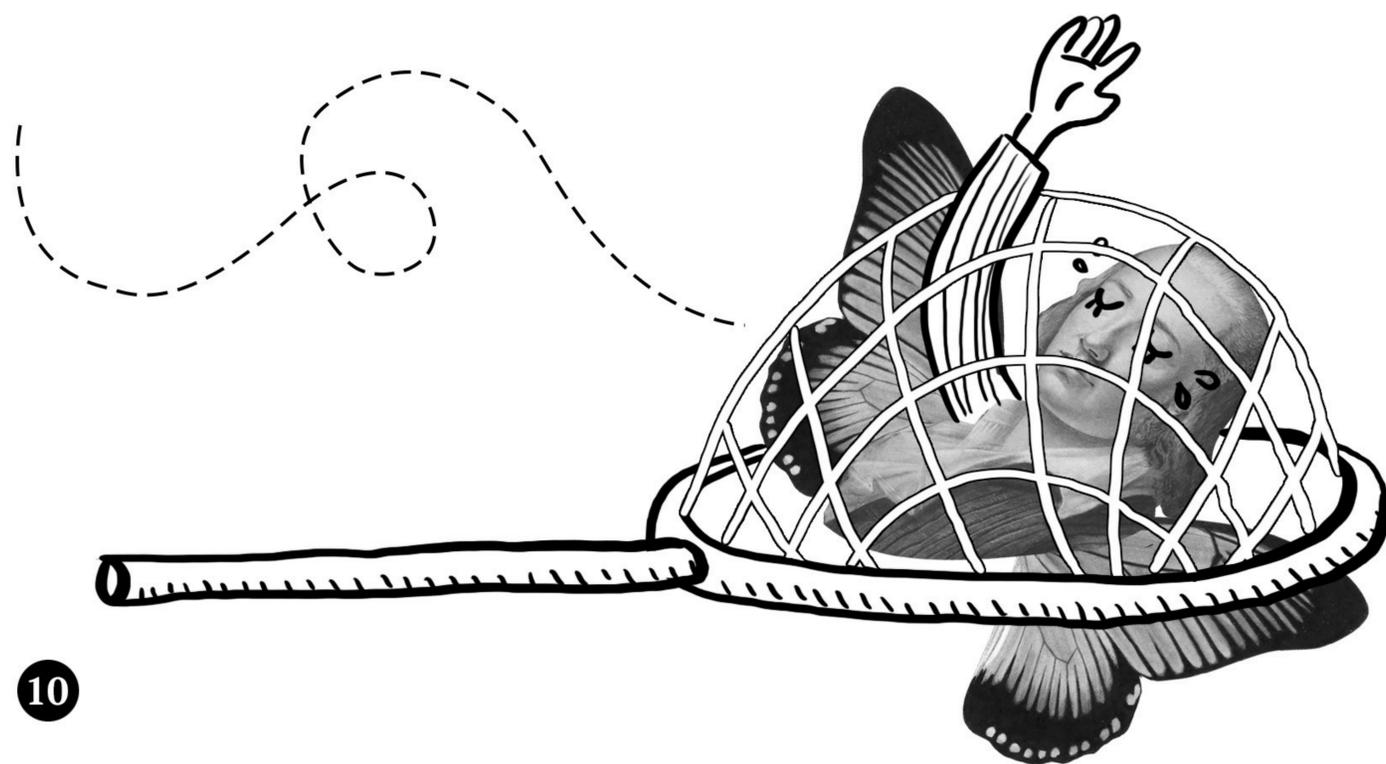
Afinal ele precisava pagar as contas.

E a revolução francesa? Logo se intensificariam os anos de terror jacobino e da guilhotina decepadora de nobres cabeças, e Hegel se revoltaria contra tudo isso.

Hölderlin, não: não abandona os princípios ideológicos da juventude e jamais se conforma em abraçar o cinismo da maturidade. Segue acreditando na revolução, no radicalismo jacobino e na força do amor: *meu século para mim é um flagelo*. Pra piorar, se apaixona por uma mulher casada, a esposa de seu empregador, que o tinha como tutor dos filhos. Ela também se apaixona por ele, mas era amor impossível: ele é dispensado e sofre por amor (e por problemas financeiros). Apesar dos encontros secretos com sua amada, a sanidade de Hölderlin começa a se deteriorar.

Pouco tempo depois, morre a mulher.

Diz-se que a loucura de Hölderlin deixou Hegel um tanto quanto perturbado. Como já desconfiava – do alto de sua sensatez – a inflexibilidade levava à



autodestruição: a loucura de Hölderlin serviu-lhe como comprovação desse pensamento. Hegel escolheu dobrar-se para não quebrar. O poeta, ao contrário, quebrou-se.

Ei-los: o filósofo idealista e o poeta romântico. Hegel estava em busca do saber absoluto; Hölderlin...

o que pode buscar o poeta que não sabe como existir no mundo?;

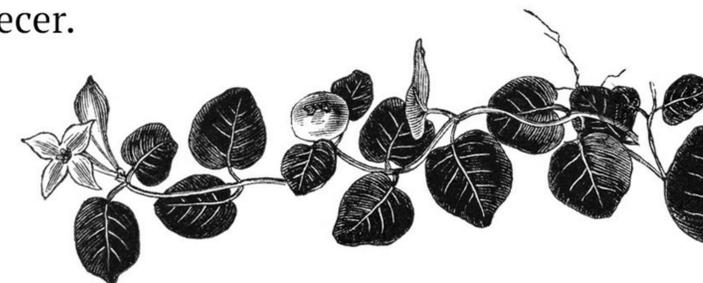
de que nos serve tanta filosofia, tanto sistema, tanta teoria?; é para isso que aprendemos com a História?

E Hölderlin tinha escolha? O mundo não lhe servia. Foi esquecido depois de sua morte e sua obra só seria redescoberta no começo do século XX, para enfim influenciar toda a poesia moderna. Havia nascido no século errado?

Sim, caríssimo *Herr* Hegel: adaptar-se! Defender os avanços violentos da História como único movimento possível pra depois dar um passo atrás, acomodado com o salário de professor numa vida burguesa de um Estado monárquico;

dobrar-se.

Ou enlouquecer.



**Olivia Maia** é escritora, autora de diversos contos e romances policiais, como *Operação P-2* e *Segunda mão*. Seu último romance, *A última expedição*, foi publicado pela Editora Draco. Recentemente Olivia se instalou no interior da Bahia, onde toma banho de rio, lê Hegel e escreve.